

PEREIRA, Duarte. *Repensando o Marxismo*. 1ª edição, Editora Anita Garibaldi, São Paulo, 2016

Flávio Antonio de Castro – Conselho Consultivo de marxismo21

A obra de Duarte Pereira aqui resenhada foi prefaciada por Haroldo Lima que, com acuidade, selecionou os artigos que a compõem, apresentando várias intervenções do autor em seu objetivo de repensar o marxismo. Nelas, Duarte Pereira apresenta os argumentos dos autores que questionaram o mecanicismo na concepção materialista, a esquematização reducionista do marxismo e o dogmatismo que sacrifica a dialética. Mas não para por aí. O autor dialoga criticamente com esses autores, aprimorando e elevando o conteúdo das análises. Para Haroldo Lima, Duarte Pereira analisa problemas decorrentes da crise do capitalismo, da reestruturação do capitalismo, das formas mais adequadas de se encaminhar a luta de classes em países de tradição democrática e elevado nível econômico, e de como entender a configuração moderna do proletariado.

O livro se inicia com a entrevista do autor, sob o tema **A crise do socialismo, a reestruturação do capitalismo e os novos desafios dos trabalhadores**, na qual argumenta que

o socialismo só pode ser construído democrática e cientificamente, e que se se pretender construí-lo negando a iniciativa das massas trabalhadoras, com base em uma camada minoritária ou em setores isolados, ele se torna inviável. O socialismo não é uma solução tecnocrática para certos problemas econômicos e sociais e, também, não pode ser imposto à classe operária. Implica a existência de uma economia planificada, exige elevado grau de consciência em sua construção e apurado esforço de compreensão da realidade (p.19)

Explica as razões do fracasso da ditadura do proletariado; critica o acelerado processo de coletivização da agricultura na URSS e desencadeia o debate em torno do fulcro principal da obra: a impregnação positivista que o marxismo carrega em sua análise do desenvolvimento da sociedade humana. Cita Marx e a problemática interpretação, a partir de seus textos, de serem as leis sociais tão rígidas e tão objetivas como as leis naturais, o que geraria uma insuficiência de elaboração do marxismo. Disto decorreria a ideia simplificadora de que a história marcha inevitavelmente para o socialismo. Para Duarte Pereira, os fundamentos do marxismo não estão postos em xeque, mas sim sua compreensão e seu desenvolvimento. No desenrolar da entrevista, entre outros temas, o autor trata do capitalismo nas sociedades capitalistas avançadas, onde a classe operária tende a se tornar minoritária, exigindo que ela seja capaz de

estabelecer alianças com outras classes e camadas trabalhadoras, o que seria tão importante quanto fora a aliança operário-camponesa no começo do século XX.

No texto seguinte, *Lenin e a Dialética Hegeliana*, Duarte Pereira apresenta a tese de Kevin Anderson, em sua obra *Lenin, Hegel, and Western Marxism*, onde esse autor propugna que, entre as tradições do marxismo soviético e do marxismo ocidental, a obra de Lênin, posterior a 1914, está mais próxima dos marxistas ocidentais ou hegelianos. Além de, no estudo dos textos finais de Lênin - influenciado pela assimilação crítica da obra de Hegel -, poder-se discernir “o único tipo de marxismo viável nos dias atuais”. Para Anderson, Lênin empolga-se na prospecção que faz da obra hegeliana a ponto de registrar, em seu estudo sobre *A Ciência da Lógica*, “os germes do materialismo histórico em Hegel” afirmando: “Na mais idealista obra de Hegel, há um mínimo de idealismo e o máximo de materialismo. Contraditório, mas um fato”. Este Lênin pós Hegel teria reavaliado o idealismo e o materialismo, criticando a contraposição simplificadora entre ambos. Este esforço para assimilar a dialética permitiu a Lênin identificar seus erros e de outros seguidores de Marx. Para Anderson, os estudos de 1914/1915 estabelecem um corte que o distancia do marxismo naturalista, determinista e economicista, prevalentes na Segunda Internacional, no qual o próprio Lenin se formara. Esta nova compreensão é visível em suas obras *O Imperialismo, Etapa Final do Capitalismo* e *O Estado e a Revolução*. Duarte Pereira destaca que, após a morte de Lênin, toma corpo o pensamento orientador do partido comunista influenciado pela Segunda Internacional e pelas obras de Plekhânov e Bukhárin, sistematizadas posteriormente por Stálin. Disto resultou na compreensão do socialismo como inevitável e o partido como o efetivo sujeito revolucionário. A resistência a esta vertente do marxismo soviético passa pela Itália, Alemanha – Escola de Frankfurt -, França e Estados Unidos, além de autores que não se enquadram no chamado marxismo ocidental como Mao, Althusser, Garaudy e Colletti. Duarte assinala que o estudo rigoroso dos Cadernos Filosóficos poderia alterar até mesmo os escritos posteriores de Lênin, dirimindo os impasses teóricos e práticos que o açodaram, e estimulando a construção de uma via distinta que supere os marxismos soviético e ocidental.

Em *O Marxismo e o proletariado*, após discorrer sobre a trajetória intelectual de Jacob Gorender, Duarte Pereira faz a crítica, em especial, da reinterpretação do marxismo contida na obra *Marxismo sem utopia*. Nela, Gorender se propõe à atualização da análise marxista do capitalismo, o exame das experiências dos países

socialistas e o aprofundamento de questões ontológicas e metodológicas não tratadas suficientemente pela tradição marxista. Identifica na elaboração política de Marx e Engels manifestações de utopismo na visão do capitalismo, na missão revolucionária do proletariado, na projeção da sociedade comunista, e na concepção do desenvolvimento histórico. Desenvolve uma leitura negativa das construções sociais inspiradas no marxismo e destaca a inviabilidade sistêmica do projeto socialista. Projeta o socialismo viável, onde persistirão as diferenças entre o trabalho intelectual e o manual, um Estado antiburguês, mas democrático e pluralista, diferentes formas de propriedade dos meios de produção, e a combinação de mercado com planejamento. Este projeto seria implementado pelo bloco formado pelos trabalhadores, sob a direção da nova classe dos assalariados intelectuais. Duarte Pereira se contrapõe a isso apontando que a alternativa para a precipitação utópica em Marx, Engels e outros marxistas, não pode ser a resignação à persistência indefinida do capitalismo, perdendo de vista suas contradições, e exercendo uma análise anti-dialética de seu desenvolvimento. Ao contrário, se deve buscar todas as brechas para apressar a superação do capitalismo. Defende as incontornáveis contribuições teóricas de Marx e Engels, e questiona Gorender: se o modo de produção continua capitalista, como pode surgir uma terceira classe explorada, distinta do proletariado? Rebate, também, a afirmação de que o proletariado, reformista por natureza, não teria como cumprir o papel revolucionário que Marx e Engels esperavam dele. Afirma, ainda, que, ao contrário das revoluções burguesas, cujas transformações começam na esfera econômica, as socialistas se iniciam pelas mudanças na esfera política, compreensão decisiva para Duarte Pereira, “*pois demarca as fronteiras com as ilusões reformistas de que o socialismo possa começar a ser construído sob um Estado burguês*” (p.57). Ao final, o autor endereça uma última crítica à reflexão de Gorender, quanto à sua concepção de combinar um determinismo rígido no interior dos sistemas com um indeterminismo puro na substituição destes mesmos sistemas, o que permitiria supor a *possibilidade* do socialismo desvinculada da crise *necessária* do capitalismo. E conclui:

Ao contrário, se as possibilidades de transformação decorrem do aprofundamento necessário das contradições do sistema, é necessário concluir de outra forma. Se a vitória do socialismo não é inevitável, a crise histórica – econômica, social, política e cultural - do capitalismo é inevitável.” (p.64)

E adianta que se a opção não for a socialista, isto não significa que o capitalismo se reciclará indefinidamente. Desta forma, a barbárie prevista por Engels e Rosa Luxemburgo se colocará como opção.

Na resenha da obra de Engels, **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**, intitulada **Uma nova classe trabalhadora**, Duarte Pereira, ao apontar a frustrada revolução - iminente à época, para Engels - adverte sobre a maleabilidade do capitalismo e a capacidade de concessão da burguesia, subestimadas pelos criadores do marxismo. E acrescenta ser necessário uma investigação das mudanças tecnológicas e organizativas do capitalismo e das novas configurações da burguesia e do proletariado, além, do rigoroso exame dos pressupostos requeridos para a formação da consciência crítica para o desenvolvimento da organização democrática dos trabalhadores.

No texto **Com os operários à frente**, e na esteira de sua reflexão anterior, Duarte Pereira, reportando-se a Marx e Engels, examina o papel histórico-universal da classe operária diante da contradição estrutural do capitalismo. Registra que sempre uma classe esteve à frente do desenvolvimento histórico, e no atual modo de produção cabe à classe operária socializar a propriedade e o controle dos meios de produção, repartindo entre os trabalhadores a riqueza e o tempo livre. Construindo, assim, uma sociedade socialista, da propriedade compartilhada e do trabalho conjunto. Agir de outra forma seria negar a si mesma. Essa é sua missão histórica, decorrência do interesse objetivo da superação do capitalismo pelo socialismo. Livrar-se da exploração a aproxima dos assalariados explorados indiretamente pela burguesia, dos pequenos produtores autônomos e dos países e comunidades oprimidos pelo sistema capitalista-imperialista. *“Antiburguesa por natureza, a classe operária precisa, para atender seus próprios interesses atuar na direção histórica da socialização do trabalho e da propriedade”* (p.70), assim como a superação das desigualdades sociais e nacionais. Por estas características ela pode aglutinar em torno de si uma ampla maioria social, não necessitando ser majoritária para ser hegemônica. Atualmente, diante do aumento do trabalho intelectual em relação ao trabalho manual, Duarte Pereira destaca que esta fração qualificada tem uma importância maior, porém, este conjunto heterogêneo composto pelos trabalhadores assalariados que exercem função de chefia ou atividades superestruturais, além dos autônomos que possuem parte dos meios produtivos que empregam, não pode substituir a classe operária em sua função hegemônica. E se utilizando do mesmo argumento que usou anteriormente na crítica a Gorender, conclui

ser a classe operária tendencialmente revolucionária, não reformista. Duarte Pereira adverte:

Nenhuma classe pode, no entanto, ser revolucionária espontaneamente, apoiada apenas em sua prática econômica e em seus interesses particulares e imediatos. A classe operária, que enfrenta uma tarefa revolucionária ainda mais exigente, também não pode cumprir seu papel de vanguarda se uma parcela da intelectualidade não vincula seu destino ao dela para ajudá-la a formar a própria consciência, a construir organizações partidárias e sindicais e a elaborar e aplicar uma orientação consequente” (p.71).

No artigo **Das Classes à luta de classes**, a partir dos escritos de Marx e Engels, o autor resgata que as classes emergem da base econômica, e essa se origina de modos de produção antagônicos, organizados em torno de diferentes modalidades de exploração do trabalho. E que a exploração é objetiva, como também é objetiva a contradição que opõe os proprietários dos meios de produção aos produtores diretos. E mais, *a exploração não depende da consciência dos explorados*. O desenvolvimento das lutas, originárias desta contradição antagônica, garantem algumas conquistas aos trabalhadores, porém estes só se constituirão enquanto classe ao se unirem e lutarem em torno de um programa de transformação socialista. Entretanto, o desafio é a compreensão do momento histórico e a assimilação de conhecimentos científicos, que são tarefas teóricas que superam a possibilidade de construção espontânea do proletariado, *“desprovido de instrução e de tempo para realizá-las”* (p.75). Recorrendo à magistral definição de Lênin sobre o conceito de classe, Duarte Pereira acrescenta importante observação: se as classes se originam das posições objetivas que ocupam na base econômica, elas não podem se confundir com as camadas superestruturais vinculadas aos aparatos de Estado, como a burocracia civil e militar. Duarte Pereira, porém, aponta que Lênin não articula a situação de classe com a consciência de classe e, recorrendo a Thompson, acrescenta que *“uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesma”* (p.82). E novamente o autor reafirma a crítica, já contida nos textos anteriores, de que o ponto vulnerável da posição de Lênin são *“as impregnações positivistas e deterministas que seu pensamento ainda carregava”* (p.83). Duarte Pereira prossegue incorporando criticamente autores como Lukács, Lucien Goldmann, Thompson, Althusser e Poulantzas para concluir que *“a saída para as controvérsias na abordagem da luta de classes deve ser buscada no desenvolvimento, e*

não no abandono, da teoria histórico-estrutural, ou histórico-sociológica, formulada por Marx e Engels” (p.87).

Mao e o Socialismo é um comentário sobre o livro de Roderic Macfarquhar e Michael Schoenhals, **Mao's last revolution**. Duarte Pereira, antes de tratar propriamente da obra, faz uma substancial intervenção onde frisa que *“o socialismo é uma formação social muito mais difícil de construir do que as gerações anteriores de socialistas pensaram”* (p.91). Esta construção passa pelo poder político conquistado e exercido pelos trabalhadores, onde um partido não pode monopolizar o poder estatal, mesmo em nome dos produtores diretos; a produção deve ser planejada com a participação dos trabalhadores na elaboração destes planos e na administração estatal, frente ao espontaneísmo do mercado; a superação gradativa da divisão entre trabalho manual e intelectual; o controle rigoroso da tecnoburocracia, inevitável nas fases iniciais da construção socialista etc. Porém, alerta o autor, a fase mais difícil é derrotar a burocratização desvirtuadora, e para tanto é necessário *“um elevado nível de desenvolvimento material e cultural, que libere o conjunto de trabalhadores de uma vida embrutecida e sem horizontes e os capacite a participar de todas as esferas da convivência cultural”* (p.91). A seguir, Duarte Pereira discorre sobre a criação da República Popular da China, em 1949, destacando o caminho original seguido pelos chineses, sob a liderança de Mao Zedong e sua teoria da nova democracia e da guerra popular prolongada. Pressionada interna e externamente, e temendo a restauração capitalista, que já dava sinais na União Soviética, inicia-se em 1966 a Revolução Cultural que, segundo o autor, alterou o rumo da construção socialista, até então gradativa e cautelosa. Quanto à obra de Macfarquhar e Schoenhals, ambos especialistas na história do Partido Comunista da China, este trabalharam três décadas na pesquisa e desenvolvimento da Revolução Cultural. Disto resulta uma correta reconstrução factual do processo onde trazem à luz o papel desempenhado pelas personagens mais destacadas, e a descrição minuciosa de lances decisivos, até então não considerados. Concluem com uma avaliação muito negativa deste movimento político. Duarte Pereira contrapõe-se a esses argumentos, afirmando que, mais importante que a meticulosa pesquisa dos arquivos e a reconstrução dos fatos, é necessário *“colocar-se do ângulo de classe dos trabalhadores e da luta, tão inicial, pelo socialismo”* (p.97). A própria filiação ideológica dos autores leva-os a sonegar as investidas dos Estados Unidos contra a China; a imposição de bloqueios diplomáticos e comercial; a forte presença

militar norte-americana em Taiwan; as divergências entre União Soviética e China etc. Também não levam em conta que essas ameaças militares acentuavam as dificuldades econômicas do país, obrigando-o a desviar recursos para a defesa nacional. Não levaram em conta, entre outras, as inovações culturais tentadas por Jiang Qing e na mudança nos métodos de gestão e na divisão e hierarquização do trabalho. Duarte Pereira não deixa de registrar erros de Mao Zedong durante a Revolução Cultural, entretanto destaca seus aspectos positivos:

A economia se recuperou da situação enfrentada nos anos críticos de 1960 a 1962, a industrialização rural lançou raízes, houve avanços na defesa do país, as pressões e investidas norte-americanas e soviéticas foram derrotadas, a abertura diplomática teve início, o Partido Comunista se reconstruiu e o regime popular sobreviveu e se firmou” (p.101).

Em **A Polêmica sobre o Tibete**, o autor desmascara, com propriedade, a versão divulgada à exaustão pela mídia internacional sobre essa questão. Expõe, rica e pormenorizadamente, a formação histórica da China e sua geografia, onde demonstra as diversas fases da divisão e do enfraquecimento do poder central, quando governos locais, entre eles o Tibete, adquiriram autonomia, em um momento que o país sofria agressões estrangeiras. A ocupação britânica do Tibete não se concretizou, no entanto a Inglaterra arrancou concessões e fomentou entre lamas e a nobres tibetanos a separação, para colocá-lo sobre controle ocidental. Entretanto, o principal levante – apoiado pela CIA - se deu quando se propôs promover a reforma democrática que separava a religião do Estado, abolia a servidão rural e a escravidão doméstica e redistribuía terras e rebanhos, monopolizados pela aristocracia civil e pelos mosteiros. “*Em 1959 os lamas da camada superior, os nobres leigos e seus agentes representavam 5% da população; os servos e os escravos correspondiam a 95%*” (p.110). Das terras agricultáveis apenas 0,3% cabiam aos pequenos camponeses. Restabelecida a ordem, os servos e escravos foram emancipados, a reforma agrária concluída e a liberdade religiosa foi restabelecida. Após registrar os avanços políticos, econômicos e culturais alcançados pelo Tibete após a reforma democrática, Duarte Pereira conclui que é a união, não a divisão que pode assegurar o desenvolvimento conjunto de nacionalidades integrantes de países como a China, diferente do caminho percorrido pela União Soviética e pela Iugoslávia.

Finalmente, ponderando que os limites do espaço disponível em um artigo obrigam o autor a não aprofundar questões que lhe parecem secundárias, ou que se

distanciam da ideia central de sua análise, cabe registrar duas observações. A primeira: entendemos que, se para Hegel a dialética é uma ciência, para Bukhárin a dialética é um método. Para este, é a existência de relações sociais específicas que possibilitam o desenvolvimento social. A contradição se desenvolve dentro de um sistema social como efeito derivado de um fenômeno que não é contraditório, como o desenvolvimento das forças produtivas. Para Bukharin, o que há é movimento e transformação e não, necessariamente, progresso. Ele afirma, inclusive, a possibilidade de uma sociedade desaparecer, ou seja, não há a ideia de um progresso contínuo e permanente, este seria a exceção. Portanto, não podemos considerá-lo um marxista evolutivo, como parece fazer Duarte Pereira. A segunda observação é que o autor, ao tratar do “socialismo viável” de Gorender, concorda com a necessidade de se encontrar novas formas estatais, em sentido amplo, para garantir direitos individuais, incorporar os trabalhadores no governo etc. e, corretamente, acrescenta que a discussão não deve se ater à forma de conquista do poder socialista, mas também suas normas posteriores de funcionamento. Duarte Pereira faz algumas importantes indicações neste sentido e acrescenta que o novo regime *democrático-socialista, antigurguês*, exigirá “*formas de organização política mais avançadas, que ainda será preciso conceber e testar.*” (p.60). Deixa, portanto, em aberto o convite para mais este incontornável desafio a ser enfrentado pelos trabalhadores, na complexa tarefa de se repensar o marxismo.

Concluimos registrando que, em **Repensando o Marxismo**, Duarte Pereira, segue, rigorosamente, os critérios que ele mesmo indicou aos leitores: “*É necessário combater o dogmatismo sem resvalar no ecletismo, opor-se ao revolucionarismo voluntarista sem cair na acomodação reformista, renovar o projeto socialista preservando seus traços constitutivos*” (p.47). Por último, endereçamos ao autor as mesmas palavras com as quais ele se referiu a Engels: Duarte Pereira “*demonstra que é possível escrever com simplicidade e paixão sem perder o rigor científico*” (p.68).